

PRÁTICAS E TEORIAS INDÍGENAS DA COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

A Abya Yala tem visto a comunicação indígena proliferar nas últimas décadas. No México, os levantes zapatistas (1994) e da Assembleia Popular dos Povos de Oaxaca (2006) chamaram a atenção do mundo para as suas táticas de apropriação dos meios eletrônicos e digitais. A invenção de mídias indígenas na Colômbia tem sido acompanhada da produção teórica indígena sobre os “meios próprios” e “meios apropriados”, combinando a pesquisa indígena dos saberes dos anciãos com a dos conhecimentos e ferramentas da era industrial, cuja utilização leva à atribuição de novos significados e valores. No Peru, a comunicação indígena tem combinado mídias diversas com processos de construção de autonomia, emergência étnica e a aprendizagem das línguas e histórias que haviam sido violentamente reprimidas. No Brasil, com a pandemia, a internet, o rádio, as editoras e outros meios têm visto crescer dia a dia a presença da comunicação indígena, mas ainda há muito por se fazer para consolidar um campo de pesquisas nesta área, que possa também ser apropriada por comunicadoras e comunicadores indígenas através de táticas de diálogo e aliança, e também na medida em que mais pesquisadores/as indígenas escolham a comunicação para as suas práticas e investigações dentro e fora da academia.

Algumas abordagens sobre comunicação indígena da antropologia têm se debruçado sobre as formas de uso, “indigenização” (PRINS, 2004 e GINSBURG, 2008) ou domesticação das tecnologias e mídias. Em outras disciplinas, há autores apontado a importância de se pensar a autodeterminação tecnológica (MCMAHON, 2013). Existem importantes pesquisas sobre como os povos indígenas na América Latina estão produzindo suas práticas e teorias comunicativas, estabelecendo diálogos e ajudando a visibilizar os seus atores. Inspirados na ideia da produção indígena da modernidade (OROBITG e PITARCH, 2012) materializada na comunicação indígena, convidamos na chamada para este dossiê pesquisadoras/es e comunicadoras/es de diversas origens para publicar em espanhol e português.

A resposta ao convite não poderia ter sido melhor. Recebemos 25 artigos e relatos de variadas procedências, dos quais 17 foram aprovados por pareceristas anônimos diversas/os. O presente número traz 21 autoras e 19 autores do Equador, Argentina, Peru, México, Espanha e, no Brasil, do

Amazonas, Acre, Pará, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Mato Grosso. Além de professores/as e estudantes de universidades, há ainda aqueles/as que se destacam por atuarem em projetos de comunicação indígena importantes como a Rádio Yandê, Rádio Azul de Tilcara, Rádio Yanecuema, o Programa Xibé, a Rede Fonias do Juruá, o setor de comunicação da Confederação de Nacionalidades Indígenas da Amazônia Equatoriana (CONFENIAE) e a Escola de Comunicação do Governo Territorial Autônomo da Nação Wampis.

Uma novidade deste número é a inclusão da modalidade “relatos”, que teve como objetivo ampliar as possibilidades de diálogo entre pesquisadores/as, comunicadores/as e leitoras/es. O “relato” é uma escrita próxima das práticas cotidianas de contação de histórias, que por sua vez abarca diferentes gêneros e métodos de produção e diálogo de saberes vitais não só entre povos indígenas, mas também para pesquisadores acadêmicos, embora isso nem sempre seja reconhecido. Por outro lado, é comum que comunicadoras/es sejam também pesquisadores. Assim, tivemos comunicadores/as enviando artigos e doutores acadêmicos escrevendo relatos, diferentes caminhos para a redução das barreiras e a promoção do trânsito entre saberes e ações produzidos dentro e fora das universidades. São processos que também estão documentados e analisados em vários dos trabalhos aqui publicados a respeito das experiências de comunicação indígena.

Várias são as maneiras pelas quais academia e experiências de comunicação se cruzam nos trabalhos aqui publicados: autoras/es docentes e estudantes que são militantes em rádios indígenas; comunicadores/as indígenas que se engajam na universidade como pesquisadores/as ou trazendo relatos e tecendo alianças; pesquisadores/as, estudantes e comunicadores/as que escrevem em coautoria; comunicação indígena apoiada por projetos de extensão e vice-versa; conceitos indígenas levados ao debate da academia, e conceitos da universidade apropriados por comunicadores/as; bricolagens metodológicas das formas de produção do saber da ciência e de epistemologias outras; produção indígena da escrita e das linguagens dentro e fora da ciência, deslocando fronteiras e compromissos; apropriação tecnológica e da ciência; “retorno” ao relato para buscar oportunidades de interlocução entre povos indígenas e não indígenas; e, como não poderia faltar, a tradicional pesquisa científica como aprendizagem na construção de relações de alteridade.

As formas de comunicação indígena e as pesquisas que ecoam neste número mostram que a revista alcançou uma significativa capilaridade em

universidades e territórios, de onde emergem experiências efervescentes. Elas são potentes, mas estão dispersas, de modo que se faz necessário construir espaços e redes acadêmicas que ajudem a fortalecer esses trabalhos, estimular a sua continuidade e proliferação, e a tecer redes entre comunicadores, estudantes e pesquisadores, consolidando este campo de pesquisas. Na história do capitalismo a ciência tem tido um papel fundamental na invenção das instituições e tecnologias de dominação e exploração, daí que seja importante a sua apropriação por povos que estão construindo contra-hegemonia e o bem viver. Isso é particularmente importante para as experiências de comunicação que trazem as suas tecnologias ancestrais e se apropriam de tecnologias do mundo industrial, podendo, através da descolonização da ciência, levar ainda mais longe as possibilidades da comunicação indígena e da produção indígena da modernidade.

Organizadores

Gemma Orobitg (Universitat de Barcelona)

Elena Nava Morales (Universidad Nacional Autónoma de México)

Guilherme Gitahy de Figueiredo (Universidade do Estado do Amazonas)